

Contra o clichê: a prosa itinerante de Bernardo Carvalho e a recepção francesa

Prof^a. Dr^a. Agnes Rissardo¹ (USN - Paris III / UFRJ)

Resumo:

Eterno viajante e avesso aos clichês do brasileiro típico, Bernardo Carvalho costuma ambientar seus romances nos mais improváveis e diversificados cenários. Da Mongólia ao Japão, passando pela Rússia, é quase sempre em solo estrangeiro que seus personagens vivem, transitam e se relacionam. Mesmo quando em terras brasileiras, o estranhamento quanto à ambientação se sustenta. Estereótipos como o do país tropical, violento, povoado por mulheres de sensualidade exacerbada, malandros e amantes de samba e futebol passam longe da prosa itinerante do autor. A partir dessa constatação, este trabalho pretende discutir a recepção da obra ficcional de Bernardo Carvalho na França a partir de 1997. Calorosamente acolhidas pela crítica francesa, as traduções de sete obras do autor suscitam uma reflexão a respeito da imagem da literatura brasileira contemporânea no exterior: pautada desde sempre em clichês, estaria ela sofrendo uma mudança de paradigma desde a última década?

Palavras-chave: Recepção no exterior, literatura brasileira contemporânea, deslocamento, Bernardo Carvalho.

1 Introdução

Nos derradeiros parágrafos de *O sol se põe em São Paulo*, o narrador *yonsei*, ao se dar conta de que ele próprio era um dos personagens principais da história situada entre Brasil e Japão que aceitou escrever, sintetiza o sentimento de inadequação e o estranhamento provocados pela experiência do exílio.

Uma história de párias, como eu e os meus, gente que não pode pertencer ao lugar onde está, onde quer que esteja, e sonha com outro lugar, que só pode existir na imaginação em nome da qual ela me contou uma história que pergunta sem parar a quem a ouve como é possível ser outra coisa além de si mesmo. (CARVALHO, 2007. p. 163-164)

O olhar perspectivado de quem vê os acontecimentos como estrangeiro, a sensação do não pertencimento, o desejo incessante e simultâneo de estar ali e em outro lugar, no entanto, não são temas exclusivos desse romance, mas recorrentes na obra de Bernardo Carvalho e podem mesmo ser lidos como uma metáfora do projeto literário do autor. Ao tomarmos quatro dos sete livros de Carvalho traduzidos e publicados no exterior, em especial na França¹, percebemos que é notável a escolha pelo deslocamento da narrativa e um certo fascínio pelo exótico.

Em *Mongólia* (2003), traduzido para o francês como *Mongolia* (Métailié, 2004), a ação se passa nos confins daquele país asiático. O narrador, no entanto, é um diplomata brasileiro. Em *Nove noites* (2002), lançado como *Neuf nuits* (Métailié, 2005), embora a narrativa se passe no Brasil, trata-se de um romance sobre exílio, solidão e noção de limites na visita de um antropólogo norte-americano a uma tribo indígena no coração da Floresta Amazônica. Já no citado *O sol se põe em São Paulo* (2007), ou *Le soleil se couche à São Paulo* (Métailié, 2008), os cenários eleitos são o

¹ Este artigo nasceu da pesquisa de pós-doutorado intitulada *Presença da literatura brasileira na França: recepção crítica na contemporaneidade*, realizada no Centre de Recherches sur les Pays Lusophones (Crepal) da Université Sorbonne Nouvelle – Paris III em 2012 e 2013, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

longínquo Japão e o bairro da Liberdade na cosmopolita capital paulista, habitado sobretudo por japoneses e seus descendentes, sem lugar para o estereótipo do país tropical povoado por malandros. E, por fim, em *O filho da mãe* (2009), publicado na França com o título *Ta mère* (Métailié, 2010), a narrativa se passa em São Petersburgo (Rússia) e tem como pano de fundo a guerra da Tchetchênia. Nesse caso, o estranhamento é reforçado, já que, ao contrário dos romances anteriores, nenhum personagem é brasileiro.

Avesso aos lugares-comuns perpetuados mundo afora sobre o Brasil e mesmo a um sentimento de orgulho em relação à nacionalidade, Bernardo Carvalho vem consolidando sua carreira no exterior. Assim, ao levarmos em consideração que tanto o mercado editorial quanto a crítica jornalística especializada em literatura na França são tradicionalmente atraídos pelos clichês do exotismo e, mais recentemente, da violência urbana e pobreza, o que explicaria a boa acolhida de um autor brasileiro como Carvalho naquele país?

2 Prosa em movimento

Um primeiro ponto a se observar é a opção de Carvalho em situar boa parte de seus romances em lugares distantes e pouco familiares. Note-se que o autor, morador durante alguns anos de Paris e Nova York, jamais elegeu essas duas cidades como cenário de seus romances. Em uma entrevista, ele assume que sua busca constante é pela “excitação do estranhamento”.

Para mim, é fundamental o sentimento de não pertencer a um lugar, um certo deslocamento que impossibilita a integração e o reconhecimento, permitindo ao mesmo tempo que você siga vendo as coisas de fora. Quando vim para São Paulo, a cidade funcionou um pouco dessa maneira, como terra estrangeira dentro do Brasil. Isso foi muito importante para [...] eu conseguir escrever. A distância faz você enxergar melhor. Há várias cidades do mundo onde eu gostaria de viver hoje. Mas em todas elas o que eu sempre procuro é essa excitação do estranhamento. (CARVALHO, 2007a)

A necessidade de estar nos cenários dos romances que cria é premente. A Amazônia já era conhecida pelo autor, que havia visitado a região com o pai durante a infância. No entanto, subsidiado por bolsas de criação, Carvalho conheceu os outros países adulto, viajando com o claro objetivo de trabalhar nos romances. Sobre a experiência de morar um mês completamente só em São Petersburgo, enquanto escrevia *O filho da mãe*, em 2008, o autor relata que o clima demasiado opressivo do livro é, em parte, resultado das situações de medo e violência que vivenciou naquela cidade, onde fora duas vezes atacado por assaltantes.

Descobri uma maneira de escrever na qual o medo ocupa um lugar muito importante. Desde então, peguei o hábito de me colocar em uma situação de medo para poder escrever. [...] É como se, em vez de reduzir a literatura à representação de uma experiência pessoal, eu me jogasse na realidade para ter uma experiência real, mas como um personagem de ficção.² (CARVALHO, 2013. p. 67)

Tal tentativa de viver como um personagem de ficção, viajando aos lugares que servirão de inspiração aos romances, remete à prática da literatura de viagem. O gênero, que, de acordo com Odile Gannier, joga com as categorias da descrição, da narração e da reflexão, deve ser de alguma forma legível e acolhido na sociedade à qual é endereçado. “Há sempre um vai-e-vem entre aquilo que é esperado – clichê, estereótipo – e aquilo que é inesperado”³ (GANNIER, 2001. p. 8). E adverte que não se deve confundir um turista com um viajante: enquanto o primeiro é objeto de

² No original: *J'ai aussi découvert une manière d'écrire où la peur occupe une place très importante. Depuis, j'ai pris l'habitude [...] de me placer en situation de peur pour pouvoir écrire. [...] C'est comme si, au lieu de réduire la littérature à la représentation d'une expérience personnelle, je me jetais dans la réalité pour avoir une expérience véritable, mais comme personnage de fiction.*

³ No original: *Il y a toujours va-et-vient entre ce qui est attendu: cliché, stéréotype, et ce qui est inattendu.*

caricatura, sempre pronto a acumular o maior número de fotografias do lugar visitado, “o viajante reivindica uma glória particular, uma originalidade e mesmo uma superioridade”⁴ (p. 118).

O viajante Bernardo Carvalho sai assim em busca de uma literatura peculiar, original. Não se contenta com fórmulas e procura suscitar inquietação no leitor. Quando perguntado se é sádico com os personagens, uma vez que costuma escolher lugares “infernais” para ambientar seus romances, Carvalho reage e sai em defesa de uma insatisfação perene.

Non sei se é sadismo, é sobretudo o desejo de nunca estar satisfeito com o lugar em que estamos. [...] Para mim, a própria ideia de ter orgulho de uma nacionalidade é uma aberração, talvez porque eu tenha uma relação de amor e ódio com o Brasil. Eu sou brasileiro, isso é evidente, mas ao mesmo tempo tenho vontade de negar essa ligação sempre. É por isso que meus personagens nunca se identificam com um país, um clã, uma família⁵. (CARVALHO, 2013. p. 61)

Embora não faça alarde de sua nacionalidade, nem em entrevistas, nem em sua literatura, Carvalho é reconhecido pelo mercado editorial e pela imprensa franceses como um autor brasileiro de ficção contemporânea. Talvez um dos poucos a ter ressaltadas tão somente suas qualidades como escritor e não seus talentos em outras áreas tradicionalmente denotativas da imagem do Brasil no exterior, como o futebol, a música ou a violência urbana.

3 A construção dos clichês

A partir de um balanço estatístico realizado por Michel Riaudel, é possível constatar que, de 1822 a 1998, quase 90% dos livros de autores brasileiros publicados na França foram lançados após 1945 (RIAUDEL, 2000. p. 4). Tal interesse do mercado editorial daquele país teve início, segundo o pesquisador, com uma crescente curiosidade dos antropólogos franceses, como Lévi-Strauss e Roger Bastide pelas culturas indígena e africana, respectivamente, com predileção pelo Nordeste brasileiro, entre as décadas de 1930 e 1940. Com a grande repercussão de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, traduzido para o francês em 1952, o Brasil nordestinizado seduz intelectuais franceses e ganham força traduções de Jorge Amado, marxista e filiado ao Partido Comunista, e Graciliano Ramos.

Forma-se assim o primeiro clichê: o do Brasil exótico, sensual, tropical e carnalizado, que perdurará por décadas. É somente a partir dos anos 1980 que novos atores locais e o esforço de traduções de Machado de Assis, Clarice Lispector e autores contemporâneos como Raduan Nassar, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, Raquel de Queiroz, Silviano Santiago e Rubem Fonseca começarão a modificar lentamente a imagem da literatura brasileira na França. Entretanto, a partir dos anos 1990, a repercussão das traduções de romances de Rubem Fonseca, Patrícia Melo e Paulo Lins delineiam um novo clichê: o do brutalismo, favela e violência urbana. Some-se a isso, o grande sucesso na Europa, em 2002, do filme “Cidade de Deus”, inspirado no romance homônimo de Lins.

3.1 Sedução da malandragem carioca

O cenário pouco mudou desde então. Exotismo e brutalismo continuam a habitar o imaginário francês em relação à literatura brasileira e pautam a mídia da França, sobretudo quando o Brasil é destaque em algum evento de grande porte naquele país, como o Salão do Livro de Paris (1998) ou o Ano do Brasil na França (2005), quando houve uma profusão de matérias na imprensa francesa e lançamentos no mercado editorial.

A ânsia do jornalismo cultural francês em reforçar os clichês brasileiros pode ser verificada,

⁴ No original: *Le voyageur se revendique une gloire particulière, une originalité, voire une supériorité.*

⁵ No original: *Je ne sais pas si c'est du sadisme, c'est plutôt l'envie de n'être jamais satisfait de l'endroit où l'on est. [...] Pour moi, l'idée même d'être fier d'une nationalité est une aberration, peut-être parce que j'ai un rapport d'amour haine avec le Brésil. Je suis brésilien, c'est reconnaissable, mais en même temps j'ai envie de nier ce lien depuis toujours. C'est pour ça que mes personnages ne se reconnaissent jamais dans un pays, un clan, une famille.*

por exemplo, na recepção à obra literária de Chico Buarque. Quando a editora Gallimard lançou a tradução francesa de *Budapeste*, em 2005, uma resenha publicada na *Le Figaro Magazine* traçava um perfil estereotipado do autor, em que a literatura – razão primeira da pauta – era relegada a segundo plano em favor da música, da prática do futebol e até mesmo de um caráter algo “malandro” de Chico como carioca: “O homem do Rio”, anuncia o título da resenha, ao lado de uma foto de página inteira do autor em paisagem do Rio de Janeiro, para complementar, em seguida, no texto de abertura: “Cantor, compositor, poeta, jogador de futebol e romancista, Chico Buarque é um homem completo. Na ocasião da tradução em francês de *Budapeste*, terceiro romance dele, encontro no Rio com um monumento nacional brasileiro”⁶ (LAPAQUE, 2005. s/p.).

De acordo com Gisèle Sapiro, a recepção é em parte determinada pelas representações da cultura de origem e do estado (central ou periférico) da língua. “As obras traduzidas podem ser apropriadas de formas diversas e às vezes contraditórias, em função de questões próprias do campo intelectual de recepção”⁷ (SAPIRO, 2008. p. 41).

Desse modo, a fama internacional de Chico Buarque como músico sem dúvida contribui para a repercussão do lançamento dos livros do autor na França. Mas não apenas. Parece haver uma busca incessante da crítica e dos jornalistas em geral pela ideia de um Brasil ora mítico (samba, carnaval, futebol, florestas), ora pobre e violento. Ainda durante o profícuo ano de 2005, a editora francesa Métailié obteve uma impressionante repercussão com o lançamento do livro *Moqueca de maridos*, de Betty Mindlin, traduzido como *Fricassée de maris*. Trata-se de contos eróticos reunidos por meio da tradição oral pela antropóloga em visita a seis tribos de Rondônia. O tema “Amazônia” chama a atenção pelo exotismo, e jornais e revistas franceses não economizam nos adjetivos e fotos para conquistar o leitor. É o caso, por exemplo, do jornal *Libération*, que destaca o livro com foto de meia página de índios caiapós e o título “Noites quentes na Amazônia”.

3.2 O anticlichê

Portanto, há um forte contraste na abordagem da crítica jornalística francesa em relação aos autores brasileiros contemporâneos. Enquanto a imagem de uns é ainda ligada aos clichês que se formaram em torno do Brasil, a de Bernardo Carvalho é a de um escritor, genuinamente um escritor. Nesse caso, a literatura em si parece ser o grande destaque. A única exceção talvez seja a recepção de *Nove noites*: praticamente todas as resenhas e matérias publicadas sobre esse romance enfatizam a Amazônia e os índios de um “mundo exótico” como chamariz para o leitor. Porém, os outros romances do autor ganham alentadas resenhas que geralmente começam mencionando a origem brasileira e a trajetória de Carvalho.

Em 2004, ano em que não houve nenhum evento significativo em homenagem ao Brasil na França, a editora francesa Métailié, uma das que mais apostam na publicação de autores brasileiros, lançou a tradução de *Mongólia*. Em flagrante contraste com as matérias publicadas sobre outros romances brasileiros, a resenha de página inteira do jornal *Libération* destaca: “Mongólia interior: de uma viagem à Mongólia, o brasileiro Bernardo Carvalho extraiu um romance em *mise-en-abyeme* onde cada um procura a si mesmo”⁸ (LANÇON, 2004, s/p.).

Os romances de Bernardo Carvalho também costumam frequentar as páginas de jornais e revistas especializados em literatura, vendidos somente em livrarias, pela internet ou por assinatura, e direcionados a um público leitor específico e exigente. É o caso das revistas *Le Matricule des Anges*, que além de resenhas dos lançamentos realizou uma entrevista com o autor na edição de

⁶ No original: *L'homme de Rio: chanteur, compositeur, poète, footballeur et romancier, Chico Buarque est un homme complet. À l'occasion de la traduction en français de Budapeste, son troisième roman, rencontre à Rio avec un monument national brésilien.*

⁷ No original: *Les oeuvres traduites peuvent être appropriées de façons diverses et parfois contradictoires, en fonction des enjeux propres au champ intellectuel de réception.*

⁸ No original: *Mongolie intérieure. D'un voyage en Mongolie, le Brésilien Bernardo Carvalho a tiré un roman en abyme où chacun cherche son moi.*

setembro de 2008; *La Femelle du Requin*, que, no primeiro trimestre deste ano, dedicou metade da edição a um dossiê sobre Carvalho; e *Page des Libraires*, que, em 2008, publicava uma resenha sobre *O sol se põe em São Paulo* sob o curioso título “Saudade japonaise”. O texto a seguir revela a intimidade do resenhista – um livreiro – com a obra de Carvalho.

Já sabíamos que Bernardo Carvalho era um arquiteto da intriga, um desses grandes romancistas que sabem levar o leitor para longe das trilhas batidas. Aqui, ele nos oferece sem dúvida seu mais belo romance, onde o real se torna literatura, onde grandezas e traições se emaranham em uma bela bainha”.⁹ (DELAPRÉ, 2008. s/p.)

Se há um estranhamento perceptível na recepção francesa em relação aos romances de Carvalho é o questionamento sobre a escolha de não ambientar a narrativa no Brasil. Em 2004, a revista semanal *Livres Hebdo* perguntava: “Por que a Mongólia?”. Já a resenhista da revista *Les Inrockuptibles* se surpreende positivamente ao ler um romance sobre a Rússia (*O filho da mãe*) escrito por um brasileiro.

Magia da globalização ou simplesmente da literatura, aqui está um romance russo assinado por um brasileiro. Com *O filho da mãe*, Bernardo Carvalho, lembrado especialmente por *O sol se põe em São Paulo*, escreveu uma tragédia em coro crescente de personagens, uma espécie de *Vida e destino* (a obra-prima de Vasily Grossman) da Rússia contemporânea.¹⁰ (PHILIPPE, 2010, s/p.)

Em outra matéria no *Libération*, a descrição da trajetória de Carvalho é entremeada com depoimentos do próprio autor. À procura de um ângulo diferente sobre o escritor, o repórter constata que, após viajar bastante e sair de seu país, aos 50 anos, Carvalho finalmente se rendera aos clichês brasileiros.

Criança privilegiada, Bernardo também assistiu a telenovelas e se lembra de *Selva de pedra*, uma das mais famosas. Morou em Nova York, viajou muito, sempre angustiado [...]. Pouco a pouco, ele também sentiu que seus livros só poderiam ser aqueles de um brasileiro, e acabou até mesmo gostando de samba.¹¹ (LANÇON, 2010. s/p.)

4 Literatura, mercado e exportação

Se é verdade que as grandes editoras e a mídia francesas têm interesse em perpetuar os clichês brasileiros, como explicar tamanha repercussão positiva de Bernardo Carvalho na França, um autor tão avesso a estereótipos e temas brasileiros por excelência? Não há uma resposta única e certa para essa questão, mas podemos pensar em alguns fatores que predisõem ao sucesso do autor junto à mídia.

De início, vale ressaltar que Carvalho morou alguns anos em Paris, quando exercia a função de correspondente internacional do jornal *Folha de São Paulo*. Tal informação é importante, pois entende-se que o escritor formou uma rede de contatos pessoais e profissionais nos veículos, o que facilitaria o interesse dos jornalistas por seus romances. Além disso, Carvalho é fluente em francês (assim como Chico Buarque), uma vantagem em relação aos autores que não dominam o idioma,

⁹ No original: *On savait déjà que Bernardo Carvalho était un architecte de l'intrigue, un de ces grands romanciers qui sait vous emmener loin des sentiers battus. Ici, il nous offre sans doute son plus beau roman, où le réel devient littérature, où grandeurs et trahisons s'emmêlent dans un magnifique fourreau.*

¹⁰ No original: *Magie de la mondialisation ou plus simplement de la littérature, voici un roman russe signé par un Brésilien. Avec 'Ta mère, Bernardo Carvalho, remarqué notamment pour Le soleil se couche à São Paulo, a écrit une tragédie chorale foisonnante de personnages, une sorte de Vie et destin (le chef-d'oeuvre de Vassili Grossman) de la Russie contemporaine.*

¹¹ No original: *Enfant privilégié, Bernardo a lui aussi regardé des telenovelas et se souvient de Jungle de pierre, l'une des plus célèbres. Il a vécu à New York, beaucoup voyagé, toujours dans l'angoisse [...]. Peu à peu, il a aussi senti que ses livres ne pouvaient être que ceux d'un Brésilien, et il a même fini par aimer la samba.*

uma vez que essa aptidão lhe permite dar entrevistas aos mais diversos jornais, revistas e rádios locais.

Para além da reconhecida qualidade literária dos romances de Carvalho, é preciso também lançar um olhar sobre a dinâmica do mercado editorial francês e sua relação com a imprensa. Em outras palavras, como lembra Sapiro:

É necessário ter atenção [...] à estrutura da área de recepção, já que ela também é mais ou menos regida principalmente pela lógica do mercado ou por uma lógica política, e aos princípios de funcionamento das suas instituições: controle de impressão, estrutura do campo editorial, coleções especializadas, a política editorial de cada editora, espaço das revistas e periódicos, modos de consagrações (prêmios literários, honras), etc. (SAPIRO, 2008, p. 41).¹²

4.1 A importância dos atores locais

De 1985 a 2010, o número de traduções brasileiras na França triplicou. Autores contemporâneos como o próprio Bernardo Carvalho, Chico Buarque e Milton Hatoum foram os mais publicados. Todavia, tal crescimento está longe de representar um *boom* de literatura brasileira naquele país, já que as tiragens dos livros estão sempre entre 1.500 e 3.000 exemplares.

Nesse sentido, a ação dos atores locais é fundamental no processo de divulgação. O trabalho de assessoria de imprensa realizado pelas editoras ou contratado de maneira independente pelos autores é especialmente importante para que a informação sobre determinado lançamento chegue até os jornalistas. No caso de Bernardo Carvalho, a editora Métailié, detentora da maior parte do catálogo do autor na França, se encarrega de um trabalho constante de divulgação por meio de sua assessoria de imprensa.

Podemos citar ainda como atores locais responsáveis direta ou indiretamente pela divulgação de Bernardo Carvalho e de muitos outros autores brasileiros contemporâneos na França, as universidades que oferecem cursos de língua portuguesa e literatura brasileira e são grandes incentivadoras na formação de um público leitor e crítico. A professora emérita do Centre de Recherches sur le Pays Lusophones (Crepal) da Université Sorbonne Nouvelle – Paris III, Jacqueline Penjon acredita que, entre os incentivos do governo brasileiro, o apoio sistemático ao ensino da língua portuguesa no exterior, sobretudo no ensino médio, seria de grande ajuda para o incentivo ao estudo da literatura brasileira. “A língua é a base de tudo, tanto para relações comerciais como culturais. Um primeiro ‘contato linguístico’ pode despertar a curiosidade pelas letras e incentivar a leitura” (PENJON, 2011. p. 238).

Outros atores locais importantes são as próprias editoras, sobretudo as de pequeno porte, como Chandeigne, Anacaona e Métailié, mais abertas aos novos nomes da prosa contemporânea; os agentes literários, que trabalham no sentido de levar esses autores às editoras; e a Embaixada do Brasil, que promove a participação das editoras em feiras de livros e a visita de autores brasileiros a eventos de grande visibilidade na França, entre outras ações.

Ao consultarmos os jornais e revistas franceses a partir de 1980, constatamos que há nitidamente um aumento no volume de matérias e resenhas sobre autores e livros brasileiros em tais ocasiões. A repercussão começa timidamente com o *Belles Étrangères*, em 1987, que reuniu um grande número de autores brasileiros presentes, aumenta sensivelmente com o Salão do Livro de Paris, em 1998, no qual o Brasil foi o país homenageado, e surpreende com uma profusão de matérias na imprensa francesa e lançamentos no mercado editorial durante o Ano do Brasil na França, em 2005. Porém, tão logo os eventos se encerram, o silêncio sobre a literatura brasileira

¹² No original: *Il faut les rapporter [...] à la structure de l'espace de réception, suivant qu'il est lui aussi plus ou moins régi prioritairement par la logique de marché ou par une logique politique, et aux principes de fonctionnement de ses instances: contrôle de l'imprimé, structure du champ éditorial, collections spécialisées, politique éditoriale de chaque maison, espace des revues et périodiques, modes de consécration (prix littéraires, distinctions), etc.*

volta a imperar: as resenhas desaparecem e poucas são as traduções publicadas.

Entretanto, esse panorama vem se transformando desde 2011, quando o governo brasileiro anunciou um dos maiores incentivos no sentido de “exportar” a literatura brasileira: o Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros, desenvolvido pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Com um investimento total de R\$ 12 milhões, o programa pretende ampliar a oferta de livros brasileiros traduzidos no mercado editorial externo até 2020. Conseqüentemente, o governo vem também incentivando uma participação sistemática e constante do Brasil nos eventos literários de grande porte na França e em outros países, ao contrário da habitual participação perdulária de anos atrás.

Ainda é cedo para se avaliar os resultados efetivos dessas iniciativas, mas é importante não perder de vista outros fatores apontados como entraves para o interesse do mercado editorial e de leitores franceses de um modo geral. O maior deles, de acordo com os estudos de Gisèle Sapiro e Pascale Casanova, é a hierarquia dos idiomas no fluxo de traduções. As duas pesquisadoras chegaram à conclusão que as línguas do mundo constituem um sistema hierarquizado, no qual as relações literárias internacionais correspondem a relações de poder entre literaturas dominantes e dominadas. Nesse panorama, é visível a dominação do mundo anglófono no mercado editorial francês, e idiomas como o português pouca força de entrada conseguem obter. Para se ter uma noção do poder de dominação da língua inglesa, nos últimos cinco anos, o Centre National du Livre (CNL), do Ministério da Cultura da França, subsidiou a tradução de trinta vezes mais livros do mundo anglófono do que do mundo lusófono.

4.2 Brasil deslocado

Carmen Villarino Pardo nota que, nos últimos quatro anos, uma mudança sutil, porém significativa, vem ocorrendo na abordagem da literatura brasileira enquanto “produto de exportação”. A pesquisadora observa que, a partir do ambicioso projeto da revista literária britânica *Granta*, que vem publicando edições em outros idiomas com textos de autores contemporâneos de vários países e, em 2012, lançou uma edição em português intitulada “Os melhores jovens escritores brasileiros”, o novo exportável passou a ser o que ela chama de “cosmopolitismo politicamente correto”. Segundo Carmen, de 247 propostas de contos recebidas pela *Granta*, 20 foram selecionadas, sendo que a maioria vinha do eixo Rio-São Paulo, ou seja, pertencia ao meio urbano. Desses autores escolhidos, muitos haviam recebido bolsas de criação, moravam fora do Brasil e costumam apresentar em seus textos um país para ser exportável (PARDO, 2013).

Além da *Granta*, outro exemplo de que há uma tendência a “deslocar” o autor, a partir de uma visão de que o “local” precisa ser “vários locais”, é a Coleção Amores Expressos, lançada pela Companhia das Letras. Nesse caso, os autores escolhidos receberam bolsas de criação para viajar a uma determinada cidade no exterior e escrever romances de encomenda que deveriam tematizar o amor no estrangeiro. Entre os lançamentos da coleção estão *O livro de Praga: narrativas de amor e arte*, de Sérgio Sant’Anna, *Cordilheira*, de Daniel Galera, *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, e *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho.

Conclusão

Retornando à questão levantada no início deste artigo a respeito da boa repercussão dos romances de Bernardo Carvalho na França, a despeito de todas as expectativas em contrário, cremos que tentamos esclarecer, ao longo do texto, os diversos fatores implicados nesse panorama nada simplista. Assim, mais do que o pleno domínio da língua francesa, uma sólida rede de contatos na imprensa, o suporte de uma editora interessada na promoção da literatura brasileira na França, e, evidentemente, a qualidade literária dos romances, a postura de Bernardo Carvalho como autor de uma prosa itinerante parece se encaixar bem no horizonte de expectativas tanto do governo brasileiro e sua política de exportação da literatura, quanto do mercado editorial. É um escritor-

chave do cosmopolitismo exportável, cujos romances deslocados representam um novo momento de uma literatura que se quer menos brasileira e mais “cidadã do mundo”.

Em relação a Carvalho, vale ressaltar que, além de cosmopolita, é necessário que a prosa sofra de um estranhamento. A sensação de inadequação, perseguida pelo autor, a fim de provocar um curto-circuito na criação de outros pontos de vista, é bem resumida na página que encerra *O sol se põe em São Paulo*: “Ninguém veria a beleza da lua de outono se ela não estivesse imersa na escuridão. Temos mais em comum do que podemos imaginar. O oposto é o que mais se parece conosco” (CARVALHO, 2007b. p. 164).

Referências Bibliográficas

- 1] CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- 2] _____. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- 3] _____. *Mongolia*. Trad. de Geneviève Leibrich. Paris: Métailié, 2004.
- 4] _____. *Neuf nuits*. Trad. de Geneviève Leibrich. Paris: Métailié, 2005.
- 5] _____. “Beatriz Resende entrevista Bernardo Carvalho”. *Z Cultural*, UFRJ, Rio de Janeiro, ano III, nº 2, abr. 2007a. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/entrevista-com-bernardo-carvalho/>. Acesso em 12 jun. 2013.
- 6] _____. *O sol se põe em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.
- 7] _____. *Le soleil se couche à São Paulo*. Trad. de Geneviève Leibrich. Paris: Métailié, 2008.
- 8] _____. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- 9] _____. *Ta mère*. Trad. de Geneviève Leibrich. Paris: Métailié, 2010.
- 10] _____. “Rencontre: Bernardo Carvalho”. *La Femelle du Requin*, Bagnolet, França, nº 39, inverno de 2013.
- 11] CASANOVA, Pascale. *La république mondiale des lettres*. Paris: Seuil, 2008.
- 12] DELAPRÉ, Jean-François. “Saudade japonesa”. *Page des Libraires*, Paris, set. 2008. s/p.
- 13] GANNIER, Odile. *La littérature de voyage*. Paris: Ellipses, 2001.
- 14] LANÇON, Philippe. “Mongólia interior”. *Libération*, Paris, 25 nov. 2004. s/p.
- 15] _____. “Le retour en grâce”. *Libération*, Paris, 27 set. 2010. s/p.
- 16] LAPAQUE, Sébastien. “L’homme de Rio”. *Le Figaro Magazine*, Paris, 5 mar. 2005. s/p.
- 17] PARDO, Carmen Villarino. “Processos de internacionalização da literatura brasileira contemporânea e diplomacia cultural”. *Colloque International Brésil-France-Allemagne*. Littérature Brésilienne contemporaine: espaces, traductions et médiations culturelles. Paris, Université Paris-Sorbonne, Maison de la Recherche, 7 mar. 2013.
- 18] PENJON, Jacqueline. “Entrevista a Agnes Rissardo”. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, vol. 5, Rio de Janeiro, UFRJ, 2011. Disponível em www.forumdeliteratura.com.br Acesso em 5 jul. 2013.
- 19] PHILIPPE, Elisabeth. “Les âmes fantômes”. *Les Inrockuptibles*, Paris, 6 out. 2010. s/p.
- 20] RIAUDEL, Michel. “Literatura brasileira na França: veredas”. *D.O. Leitura*, São Paulo, ano XVIII, nº 10, out. 2000, p. 22-26, e nº 11, nov. 2000, p. 27-30.

- 21] SAPIRO, Gisèle. *Translatio: le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation*. Paris: CNRS, 2008.

iAutora

Agnes RISSARDO, Doutora em Letras Vernáculas / Literatura Brasileira
Université Sorbonne Nouvelle – Paris III / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
agnesrissardo@yahoo.com.br